

**UMA LEITURA COMPARATIVA DOS ROMANCES
A SELVA, DE FERREIRA DE CASTRO E O *HÓSPEDE
DE JOB*, DE JOSÉ CARDOSO PIRES**

FRANCISCA DE LOURDES SOUZA LOURO

**UMA LEITURA COMPARATIVA DOS ROMANCES *A SELVA*, DE FERREIRA DE CASTRO
E *O HÓSPEDE DE JOB*, DE JOSÉ CARDOSO PIRES**

pag. 2

*A COMPARATIVE READING OF THE NOVELS A SELVA, BY FERREIRA DE CASTRO AND O
HÓSPEDE DE JOB, BY JOSÉ CARDOSO PIRES*

Francisca de Lourdes Souza Louro (SEDUC/AM)¹
ORCID: 0000-0001-8050-8784
DOI: <https://doi.org/10.59666/fiosdeletras.v1i01.3438>

RESUMO: A leitura das obras *A Selva*, de Ferreira de Castro e *O Hóspede de Job*, de José Cardoso Pires, tem essa escolha por ser dois romances que se dão em face dos mesmos abordarem aspectos circunstanciais com elementos típicos, como a parábola do soldado em Cardoso e, em Castro os chamados soldados da borracha. Neste trabalho, mostraremos as anotações e as reflexões pontuais que o processo de leitura foi suscitando em cada texto, ao que se pode dizer que há muita coincidência em ambos, como também, pode-se destacar alguns aspectos emblemáticos como: a figura do estrangeiro, o balcão de negócios, os soldados, a viagem (de trem ou de barco), os aspectos transitórios da paisagem, a ambientação, a prisão, a casa da morada dos homens e os vícios, acumulados pela desordem da vida. Nos dois textos cada narradores desenha a sua história pessoal com algum pormenor. E, com a chegada da velhice eles próprios confundem-se, por vezes, o que leu e o que viveu ou presenciou: a ficção com a realidade. Buscarei mostrar num e noutro os aspectos que estão propostos a serem trabalhados interagindo com outros autores para que o estudo fique alicerçado em seu conteúdo bibliográfico.

PALAVRAS-CHAVE: A selva; O hóspede de Job; Parábolas Literárias; Estrangeiros; Narradores.

ABSTRACT: The reading of the works *A Selva*, by Ferreira de Castro and, *O Hóspede de Job*, by José Cardoso Pires, has this choice because they are two novels that take place in the face of them addressing circumstantial aspects with typical elements, such as the parable of the soldier in Cardoso and, in Castro, the so-called rubber soldiers. In this work, we will show the notes and specific reflections that the reading process has given rise to in each text, and we can say that there is a lot of coincidence in both, as well as highlighting some emblematic aspects such as: the figure of the foreigner, the business counter, the soldiers, the journey (by train or boat), the transitory aspects of the landscape, the setting, the prison, the house where the men live and the vices accumulated by the disorder of life. In both texts, each narrator draws their personal story in some detail. And, with the arrival of old age, they sometimes confuse what they have read and what they have lived or witnessed: fiction with reality. I will try to show in one and the other the aspects that are proposed to be worked on, interacting with other authors so that the study is grounded in its bibliographical content.

KEYWORDS: A Selva; O Hóspede de Job; Literary parables; Foreigners; Narrators.

¹ Mestre e Doutora em Poética e Hermenêutica pela Universidade de Coimbra. É professora concursada pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Amazonas. ORCID: 0000-0001-8050-8784. E-mail: lourdeslouro@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5665029223602668>

Introdução

A leitura das obras *A Selva*, de Ferreira de Castro e, *O Hóspede de Job*, de José Cardoso Pires, tem essa escolha por ser dois romances que se dão em face dos mesmos abordarem aspectos circunstanciais com elementos típicos, como a parábola do soldado em Cardoso e, em Castro os chamados soldados da borracha. Neste trabalho, mostraremos as anotações e as reflexões pontuais que o processo de leitura foi suscitando em cada texto, ao que se pode dizer que há muita coincidência em ambos, como também, pode-se destacar alguns aspectos emblemáticos como: a figura do estrangeiro, o balcão de negócios, os soldados, a viagem (de trem ou de barco), os aspectos transitórios da paisagem, a ambientação, a prisão, a casa da morada dos homens e os vícios, acumulados pela desordem da vida. Nos dois textos cada narradore desenha a sua história pessoal com algum pormenor. E, com a chegada da velhice eles próprios confundem-se, por vezes, o que leu e o que viveu ou presenciou: a ficção com a realidade. Buscarei mostrar num e noutro os aspectos que estão propostos a serem trabalhados interagindo com outros autores para que o estudo fique alicerçado em seu conteúdo bibliográfico.

Ferreira de Castro é geralmente apontado como um dos expoentes na literatura portuguesa, de uma tendência surgida nos anos 40, denominada de “Neorrealismo”. Trata-se de uma escrita pós-modernista, que floresceu nas proximidades da Segunda Guerra Mundial e tem no romance a sua expressão mais proeminente. Nessa época a sociedade agrupava autores que rejeitavam a arte presencialista (de teor introspectivo), revelando uma nítida influência norte-americana e, principalmente, brasileira, pois os romancistas de 30, escrevendo sobre o Nordeste brasileiro e seus problemas, inspiraram os portugueses a propor, em contraposição ao psicologismo em voga de Portugal, uma literatura engajada, de coloração social, objetivando denunciar as injustiças sociais e a exploração do homem pelo homem. Dessa forma, a luta de classes vai preencher as páginas dos romances, e as personagens passam a representar os embates entre patrões e empregados, trabalhadores e senhores de terra. A ação do romance *A Selva* enfoca o flagrante vivido pelo escritor nos seringais amazônicos, presentes nas imagens que o próprio escritor inventariou depois de passados quinze anos de estada aqui na Amazônia, ele criou essas páginas com a cor do sofrimento dos extrativistas que com ele vivenciaram nessa agonia, que deixaram marcas indelévels na mundividência humana.

Ferreira de Castro veio para o Amazonas em 1914, quando ainda era uma criança, ficando no seringal até os dezesseis anos de idade. “E dos quatro que passara ali, não houve um só dia em que desejasse evadir-me para a cidade, libertar-me da

selva, tomar um barco e fugir, fugir de qualquer forma, mas fugir!”² O romance foi escrito em 1929, ao que se pode dizer este é um romance de memória, que ele mesmo declara: “Enfim, quinze anos volvidos tormentosamente sobre a noite em que abandonei o seringal Paraíso, pude sentar-me à mesa de trabalho para começar este livro. Tudo parecia já clarificado no meu espírito, a síntese dir-se-ia feita e os pormenores inúteis retidos, como sedimentos, no grande filtro que a memória emprega para não se sobrecarregar”³.

Em sua vivência na Amazônia (Pará e Amazonas), o escritor testemunhou cenas e flagrantes que mais tarde seriam recriados pela pena vigorosa do artista, transformando-se em romance, considerado por muitos a sua obra-prima. O narrador serve-se das impressões de Alberto e, como se percebe, carrega nas fortes tintas do naturalismo para mostrar a selvageria que era a relação patrão e empregado.

José Augusto Neves Cardoso Pires é reconhecido como um dos mais importantes escritores portugueses da segunda metade de século XX. O seu trajeto pessoal e a sua carreira de escritor são marcados pela inquietação e pela deambulação. Porém, não se identifica com nenhum grupo, nem se fixa em nenhum gênero literário. É considerado, sobretudo como um romancista pelo fato de cada livro seu inaugurar e completar um ciclo de criação literária. Nenhuma das suas obras se tornou uma fórmula que viesse a repetir, apesar de ser possível reconhecer linhas de evolução da sua escrita literária. A relação mais consistente e duradoura, no campo literário, deu-se com o movimento Neorrealista português como aconteceu com Ferreira de Castro, e, também, pela adesão a uma política de resistência ao regime autoritário português. A inserção da sua obra nesse novo propósito literário é, por razões complexas e eivadas de contradições. O traço distintivo, que mantém até as últimas obras, é o respeitante ao compromisso da literatura com a realidade sua contemporânea.

O romance deste autor a ser trabalhado, *O Hóspede de Job* – cujo título certo nos põe de sobreaviso – fala de um estrangeiro, Gallagher, representante de uma grande potência, instala-se como visita na terra de Job. O sujeito é especialista de armamento e de guerras, traz consigo a arrogância e a luta. E, ao abandonar a terra de Job, levará na memória como presente, a dor dos camponeses. Não lhes podendo roubar a comida, por não haver, tenta comer-lhes os próprios corpos. João Portela será um símbolo dessa destruição estrangeira. O desajuste entre o poderio de Gallagher e a fraqueza do bando de garotos é menos notório se verificarmos que existe desproporção semelhante entre as mulheres de Cimadase os representantes da ordem. O autor mostra, neste texto, os opostos da força à razão, da petulância à

² CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa, Guimarães Editores Ltda. 37 ed. 1930. p.18

³ Idem, p.19

miséria, da malvadez à ingenuidade, o romancista não só cria uma ambiência como também, separa e distingue os seus comparsas. Assim, os dois romances falam de existências naufragadas na sordidez humana. Nesta análise, o que abordaremos nos dois romances é o aspecto transitório das viagens, os meios de transporte usados pelos personagens. Como os autores utilizam esta metáfora da viagem, elemento que carrega vidas, vidas que se mudam injustiçados, humilhados por estruturas sociais envelhecidas, a serviço dos homens que estão no poder. Os dois romances mostram um movimento migratório de homens que sofrem as injustiças sociais, esmagados pelas condições adversas, clemente por atenção, quer seja da Amazônia, quer seja de Cercal Novo e Cimadas. Todos foram transportados para este meio, foi a viagem do destino ingrato, um revés da fortuna de cada um.

1. A Selva

A ação do romance *A Selva* tem início em Belém do Pará, com a chegada de um navio carregado de nordestinos agenciados no Ceará pelo mulato Balbino, funcionário do seringal Paraíso, que fica localizado nas proximidades de Humaitá, para onde eles seriam levados. Balbino fora comissionado por Juca Tristão, o proprietário do Paraíso a agenciar sertanejos no Nordeste para o trabalho na extração do látex. Aproveitando-se da situação de extrema miséria dos sertanejos, premidos pela fome e fustigados pela seca inclemente, Balbino recrutou-os mediante a propaganda enganosa de que trabalhando nos seringais da Amazônia, em pouco tempo ficariam ricos, adquirindo expressiva fortuna. Assim, os sertanejos iniciam sua faina de retirantes rumo ao “Paraíso”, com escalas em Belém e Manaus, levando na escassa bagagem muitos sonhos e ilusões. Ao adentrarem no “gaiola” (nome dado aos navios que faziam esse tipo de transporte) que os conduziria naquela viagem, logo percebem que haviam caído numa armadilha: o minguido dinheiro que o agenciador deixara para a alimentação da família do agenciado, o alto preço da passagem, a alimentação que este consumia ao longo da longa viagem de navio eram os primeiros elos de uma corrente que só tenderia a crescer, prendendo-o e escravizando-o. A descoberta do engodo faz com que os retirantes arquitetem projetos de fuga ao chegarem a Belém. E fugir é tudo que desejam, a fim de se libertarem da armadilha. Ciente disso, Balbino reforça a vigilância e pune severamente quem for apanhado em intenção de fuga. Em Belém, Balbino encurrala aquele “rebanho” humano numa hospedaria imunda, enquanto vai ultimando os preparativos para a continuação da viagem. Mesmo assim, três daqueles homens conseguiram fugir. E é assim, contabilizando a perda de três homens, que o narrador apresenta Balbino ao leitor: “Fato branco, engomado,

luzidio, do melhor H. J. que teciam as fábricas inglesas, o senhor Balbino, com chapéu de palha a envolver-lhe em sombra metade do corpo alto e seco, entrou na ‘Flor da Amazônia’ mais rabioso do que nunca”.⁴

Nesse ínterim entra em cena o protagonista da narrativa. Trata-se de Alberto, um jovem português de vinte e seis anos, estudante do quarto ano de Direito, que se exilara em Belém para fugir da perseguição policial do seu país, por ter participado da Revolta de Monsanto e por defender ideias monarquistas na recém fundada República. Alberto morava com um tio, senhor Macedo, também português, dono de um sórdido hotel para seringueiros na capital paraense. Sendo um homem extremamente ganancioso, Macedo encarava o sobrinho desempregado como um estorvo, um peso a suportar, um fator gerador de despesas desnecessárias. Com a iminência da partida do navio rumo ao rio Madeira, Macedo aproveitou o ensejo para se livrar do sobrinho incômodo: propôs ao Balbino que o levasse no lugar de um dos fugitivos. Como mandava a praxe daquele comércio singular, Alberto teve de assumir a dívida do cearense que fugira, ingressando, em seu lugar, no gaiola, que levaria os “brabos” ao seringal.

Brabos é o nome dado aos novatos no ofício do extrativismo do látex. Eram os homens que seriam domesticados na ambientação e no trato da floresta, porém se sentiam numa prisão a céu aberto: “daquela bárbara grandiosidade e da sua estranha beleza, uma só forte impressão ficava: a inicial, que nunca mais se esquecia e nunca mais também se voltava a sentir plenamente. Solo de constante parturjeramentos, obstinado na ânsia de criar, a sua cabeleira, contemplada por fora, sugeria vida liberta num mundo virgem, ainda não tocado pelos conceitos humanos; vista por dentro, oprimia e fazia anelar a morte. Só a luz obrigava o monstro a mudar de fisionomia, revelando as suas pesadas atitudes, mas persistindo sempre no seu ar enigmático”⁵. Nada se assemelhava às últimas florestas do velho mundo, onde o espírito busca enlevo e o corpo frescura; assustava com seu segredo, com o seu mistério flutuante e as suas eternas sombras, que davam às pernas nervoso anseio de fuga”⁶. Essas são as primeiras impressões do brabo português viajando no navio Justo Chermont.

2. A viagem:

E todos ouvem a ordem dada de início de viagem na expressão “prancha dentro”! sendo bem conhecida na navegação amazônica. Trata-se de uma ordem dada após o encerramento dos portões e os silvos de despedida emitidos pela sereia

4 CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa, Guimarães Editores Ltda. 37 ed. 1930. p. 27

5 CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa, Guimarães Editores Ltda. 37 ed. 1930. p. 4

6 Idem.p. 84.

do navio, para que a prancha (espécie de ponte improvisada para o acesso a bordo) seja recolhida, soltem-se as amarras, realizem-se as manobras de atracação e a viagem tenha o seu início.

“Prancha dentro”⁷. “Dada essa ordem pelo comandante Patativa, o navio “Justo Chermont atestadinho até não mais poder, expondo nos conveses tudo o que não lhe coubera nas entranhas, iniciava a sua longa viagem ao Madeira, [...] flechado por acenos e adeuses dos que ficavam, foi-se distanciando na indiferença da noite tropical. [...] Os passageiros cuidavam de se instalar, numa rápida adaptação ao novo meio. O convés era úmido, sujo e escorregadio. Dir-se-ia que visco fluido e repulsivo se exalava de toda a parte, estendendo-se sobre a pele, furando até os poros. [...] Flutuava um cheiro de redil e as primeiras náuseas sacudiam Alberto, incipiente naquelas andanças”. Verdadeiro curral flutuante⁸, levava a bordo uma carga humana à qual o narrador se refere insistentemente através de coletivos desabonadores, como “récuca, rebanho, tabaréus ignaros, leva, caterva, malta”. “E muitos levavam as famílias, mulheres e filhos, e mesmo antes de aninhar-se, davam sensação de promiscuidade – farraparia, miséria errante, expressões mortíferas de sofredores”⁹. Desejos, ideias, sensações eram apenas murmuradas, porque ainda ninguém estava senhor de si e, na ânsia de conquistar espaço para dormir, haviam-se tresmalhado e avizinhado membros de rebanhos diferentes. “Possuíam alma essas gentes rudes e inexpressivas, que atravancavam o Mundo com a sua ignorância, que tiravam à vida coletiva a beleza e a elevação que ela podia ter? Se a possuíssem, se tivessem sensibilidade, não estariam adaptados como estavam àquele curral flutuante”.¹⁰

Percebe-se que passados tantos anos, a Amazônia ainda exerce sobre Ferreira de Castro a sua magia, atrai-o, parece chamá-lo a si e ao mesmo tempo amedronta-o. Assim se revela a ambivalência da atração do abismo da floresta virgem e do terror que esta última inspira ao escritor, um fio condutor que permite ao leitor estruturar a ideia de que assistimos ao duelo do eterno amor pela Amazônia que enfrenta, paradoxal mas continuamente o medo frio nas lembranças do inferno verde, o terror dos ferozes Parintintins, a aversão aos répteis e cobras, uma afecção cutânea eritematosa, uma doença hepática e uma experiência laboral em regime semiescravidão, mas sobretudo a satisfação por ter sobrevivido à estada desgastante no Seringal Paraíso. Com o tempo, o autor percebeu que a fascinante ideia da selva só tende a desaparecer no fim da vida com as provas de admiração do povo pela obra.

7 Ibidem, p. 40

8 Ibidem, p. 41

9 CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa, Guimarães Editores Ltda. 37 ed. 1930. p. 38

10 Idem, p. 41

No jogo do texto é sensato pressupor que o autor, o texto e o leitor estão intimamente interconectados em uma relação a ser concebida como um processo em andamento que produz algo que antes inexistia. Esta concepção do texto está em conflito direto com a noção tradicional de representação, à medida que a mimeses envolve a referência a uma “realidade” pré-datada, que se pretende estar representada. No sentido aristotélico, a função da representação é dupla: tornar perceptíveis as formas constitutivas da natureza; completar o que a natureza deixara incompleto. O mundo repetido no texto é obviamente diferente daquele a que se refere, porquanto, nenhuma descrição pode ser aquilo que descreve. Há uma dualidade textual, um jogo de ideias e uma multiplicidade em seus aspectos para aumentar as expectativas do leitor. O que em alguns textos serve para facilitar a compreensão do leitor, neste romance serve-nos para facilitar a adaptação ao mundo físico que se constitui a Amazônia, a que está representada no texto, o leitor se sente atraído pela fruição, pela participação imaginativa, pois é apenas um meio para um fim e não um fim em si mesmo. O leitor interage neste jogo de ideias, de performances e se sente habilitado a realizar o cenário apresentado por perceber nele a realidade evocada. “É a identidade, como se sabe, uma construção simbólica, que estabelece uma comunidade de sentido e um ponto de referência no mundo”¹¹. Os olhos não veem coisas, mas imagens de coisas que significam outras coisas, um universo reconstruído na memória que corresponde a uma verdadeira graça de experimentar com Alberto as delícias e os tormentos do amor correspondido pela alegria das aves multicores que sobrevoavam as árvores portentosas que estiveram presentes na alma do escritor. É um movimento constante de construção, desconstrução e reconstrução que podemos situar o trabalho de interpretar um texto literário.

Alfredo Bosi em sua obra *Céu e Inferno* está a dizer-nos que “ler é colher tudo quanto vem escrito. Mas interpretar é eleger (*ex-legere*), na messe das possibilidades semânticas, apenas aquelas que se movem no encaixe da questão crucial: o que o texto quer dizer? A análise literária é uma leitura de expressões, e não um recorte de segmentos materiais, ela não pode separar-se do trabalho da interpretação.”¹²

Em *A Selva* temos os rios como estradas longas e sinuosas duplicando a distância que ali separava o personagem de sua terra natal “Portugal”. O navio como o comboio também anuncia sua partida, usa o apito que anuncia a partida para os acenos dos que ficam. O “Justo Chermont navega pela baía de Marajó, encrespada que nem um mar e de margens tão distantes que se perdiam a olho nu. [...] depois de saber que toda aquela água não era pertença do oceano, mas sim o corpo da

11 PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano*. UFRGS.2002, p. 157

12 BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno*. Ensaio da crítica literária e ideologia. São Paulo. Ed.34 Ltda.2003, p. 462-470

imensurável aranha hidrográfica da Amazônia, vinha-lhe o assombro da vastidão, do que pesa e esmaga pormenores e, pela sua grandeza, recusa-se de começo à fria análise. O Justo Chermont cabeceava sobre as ondas de dorso atlântico e fundo regaço”;¹³ e “seguia entre duas margens – terra baixa, terra em formação, arrastada das cabeceiras e detida ali, [...] um mundo de pesadelo até a água barrenta que ele sulcava”¹⁴. “A subida lenta, quinze dias bem puxados de Belém ao Paraíso, ora o Justo Chermont se enfiava pelos estreitos “paraná”, tão oculto nas margens que o barco dir-se-ia penetrar na própria floresta, [...] tudo selva, selva por toda parte, fechando o horizonte na primeira curva do monstro líquido, as suas veias mais pequenas, que davam passagem a grandes transatlânticos e na geografia europeia figurariam como rios primordiais, [...] muitas vezes numa só hora, tornava-se necessário andar da margem direita para a esquerda, no centro do rio ou juntinho à terra, porque o canal tinha caprichos de serpente e era versátil como uma mulher, [...] A travessia demorou algumas horas. E sempre, sempre nas pupilas de Alberto aquela grandeza inabarcável”¹⁵. Essas são algumas descrições da viagem que o narrador Alberto faz sob a “surpresa magnífica que se sobrepunha no espírito de viajante, perturbado por essa própria grandeza inédita, que tanto contrastava com a mesquinhez e imundície do convés, a ânsia de chegar ao seu destino”¹⁶.

3. Hóspede de Job

José Cardoso Pires escreve este romance para narrar a história de deambulação de um Job que alberga involuntariamente em sua casa, o hóspede que o irá mutilar, reduzindo-o a um pedinte de feira. Esse é um romance acentuadamente pessimista, destituído de dimensão futurante, característica principal das narrativas do movimento neorrealista. Em Pires o narrador ressalta a linha férrea e, principalmente, um “silvo” e um delicado traço de fumo a alastrar a planície¹⁷. [...] Os recrutas e o tendeiro tomam sentido no que ele faz ou diz, mas também no silvo transportado pela noite. Refere-se-lhe ainda noutra tom, antes de se apiedar de si mesmo. Por que esta obsessão? O que é esse “tudo” que pode “trazer a uma vila de tropa o apito indomável duma locomotiva”? Tudo encolhido, tudo atento à provocação que vem de longe, do comboio”¹⁸. “Comboio de Évora, comboio de Vila Real ou dos quintos dos infernos.... Comboios de mil e seiscentos diabos. Comboios e mais comboios por todo o lado e a esta hora em Álvaro já não há quem se lembre de mim”¹⁹.

¹³ CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa, Guimaraes Editores Ltda. 37 ed. 1930, p. 42

¹⁴ *Ide*, p.43

¹⁵ *Ibidem*, p.49

¹⁶ CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa, Guimaraes Editores Ltda. 37 ed. 1930. p. 50

¹⁷ PIRES< José Cardoso. *O hóspede de Job*. Publicação Dom Quixote Ltda. Lisboa- Portugal 2001. p. 9

¹⁸ *Idem*, p. 11

¹⁹ *Ibidem*. p. 13

Como se percebe em *O Hóspede de Job*, o comboio faz parte da vida dessa gente que mora em Cercal Novo, uma terra recente, como o seu nome indica com poucas casas, bordejando a estrada, e um quartel. O autor ressalta a linha férrea, o silvo e a fumarada do comboio, de tal modo que é uma espécie de metonímia da povoação e da sua atmosfera humana, pois centra-se, a atenção, principalmente nos militares. É a sua referência, é a sua obsessão, pois eles representam a repressão do tempo político que Portugal atravessava, o salazarismo.

Os dois romances mostram a transitividade das vidas em decurso do tempo, são vidas que estão à mercê de um regime totalitarista, onde os mais fortes oprimem as categorias mais fracas. O significado do texto literário é apreensível não pela análise isolada da obra, nem pela relação da obra com a realidade, mas tão-só pela análise do processo de recepção, em que a obra se expõe, por assim dizer a multiplicidade de seus aspectos. A realidade é tão distante nos dois textos que não se percebe, o hóspede é um estrangeiro como em *A Selva* que também hospeda um estrangeiro, um português que fica surpreendido ante a prodigalidade da selva e dos homens que resistem a tudo, o homem à selva e a selva ao homem.

“O vinho revela o homem”: o desenrolar da conversa ocasiona a revelação dos estados de alma do cabo Três-Dezasseis, cortado da sua terra natal, por efeito do serviço militar. Julga-se votado ao esquecimento, ninguém da sua terra natal (Álvaro) se lembra dele, nem a sua mãe compreenderá o que ele fez na tropa. Nem os próprios recrutas, ao que parece: instado a responder sobre quem é o inimigo, um deles declara que são as mulas. Em vez de rir, como o 2^o recruta, o cabo “sorri de dó. De piedade, de nojo”.

No romance de Pires os homens afogam suas desventuras ou comemoram a esperança no trago do vinho, esse é um costume do povo português. Já na Amazônia de Castro, era prática dos donos de seringais dar ao soldado da borracha a cachaça, uma aguardente feita da cana-de-açúcar, um líquido branco que tem o poder de trazer o esquecimento das mágoas e dos ressentimentos gerando uma falsa alegria. Essa prática levava ao vício da embriaguez, ocasionando muitas vezes em morte. O indivíduo embriagado dessa aguardente perde a direção dos sentidos e desconhece tudo e todos e até a si mesmo, como fica atestado na personagem “Firmino, porém, demorou a garrafa na boca. E quando se ergueu, soprando com volúpia o ardor, agarrou no farol e pôs-se a marchar à frente”²⁰.

Um outro personagem que está sempre embriagado é o negro Tiago, “outrora escravo, agora quase inútil, [...] vivia isolado numa velha barraca, onde entrava a chuva, o sol e o vento”. Era um homem violento produto da natureza, é mostrado como um

20 CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa, Guimarães Editores Ltda. 37 ed. 1930. p. 80

ser com uma boca de sapo, desdentada e mascando constantemente fibras de tabaco, lançava, com a saliva negra, todas as obscenidades conhecidas, levando o gerente a pedir, em nome dos ouvidos da mulher, que nesse dia não lhe desse cachaça... Era o maior castigo, o mais duro tormento que lhe podiam aplicar. Só o álcool acendia ainda mais a sua vida sugada por todas as vicissitudes, aquele corpo alto, escanzelado e capenga de duende negro. [...] Às vezes, Tiago cantava. Eram sempre canções lentas, arrastadas, fatalistas, que enchiam a noite de melancolia, fazendo esquecer a voz pastosa de bêbedo. Canções de escravos, mais toada do que palavras, por ele aprendidas na infância e trazidas para o Brasil no ventre da mãe”²¹. Essa é a imagem retratada pelo narrador desse personagem que incorpora a imagem fantasmagórica e cruel dos homens explorados pelos seringalistas, pelo sonho da riqueza e que se transformou em trapo humano. Isso acontecia quase sempre pelo desgosto que a vida aplicava aos homens sem esperança que viviam nos confins da Amazônia. Pode-se dizer que o seringal devorou-lhe os últimos dias de mocidade transformando-o num ser nauseante e asqueroso. No escapismo da embriaguez, portanto, vem à tona a alienação da personagem, o seu desenraizamento com a sociedade.

Nesse aspecto de zoomorfização, o romance de Pires também apresenta o sargento Leandro que “ladrava”, as mulheres que se transformam em apenas “vultos” como simples testemunhos de seres que um dia foram em Cimadas. “Os homens, em sua maioria são homens-operários, homens-camponeses cobertos com uma farda que cobriu antes deles outros operários, outros camponeses ou pescadores, e essa roupa, esse simples número de regimento, alheiam-nos da terra, da planície que se abre a dois passos dali”²².

Em Pires, no capítulo X, tem o diálogo de dois algemados. Um deles é o preso, “camponês miúdo, sugado pelo sol”, outro o agente, novo, glabro, “polícia-rapaz, polícia da cidade”. Este não é sádico, aconselha o outro a urinar, pois não o poderá fazer até Lisboa; dá-lhe água a beber, galhofa com ele, bate-lhe nos ombros. Sob o seu ponto de vista, o preso é comparado a um cavalo, quando urina, quando bebe sofregamente, quando resiste à fadiga. Esta comparação remete para o início do livro, onde a mula é metáfora do oprimido. Tem, também, a figura do camponês, homem resistente que “dormem de pé, alimentam-se e mijam de pé. Como os cavalos”²³.

Quando se fala de personagens ficcionais, toma-se frequentemente como referência a ideia de pessoa humana. Uma personagem pode nos parecer mais ou menos convincente, mais ou menos semelhante, aos seres que encontramos no mundo real. Isso indica que tendemos a percebê-la utilizando-a como modelo

21 CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa, Guimarães Editores Ltda. 37 ed. 1930. p. 149

22 PIRES< José Cardoso. *O hóspede de Job*. Publicação Dom Quixote Ltda. Lisboa- Portugal 2001. p. 25

23 Idem, p. 72

em nossa concepção de pessoa. É importante ressaltar, contudo, que a noção de pessoa humana é variável. O que entendemos por pessoa, nestes dois romances, não correspondem ao que se entendia em outras épocas e culturas, como por exemplo, as personagens do romantismo, esteriotipadas, limpas, incapazes de atitudes relaxadas. Nestes, as personagens sofrem com a degradação social a que estão expostas socialmente. São filhos de um tempo historicamente obscuro para a humanidade, tanto do Brasil quanto de Portugal. Daí os autores refletirem esse tempo na caracterização dos seres.

O ambiente do romance *A Selva*, o Paraíso é um universo tão rico em flagrantes que o narrador não se sente capaz de, sozinho, dar conta de mostrar o painel evocativo que deseja transmitir ao leitor. Assim sendo, de forma bastante produtiva, escala duas personagens para auxiliá-lo no mister de descrever os fenômenos e narrar os eventos alusivos do dia-a-dia do seringal. E, oferece-lhes as armas adequadas: ao Firmino dá-lhe o discurso direto como recurso de esclarecimento e reconhecimento do espaço e das relações sociais; ao Alberto dá-lhe o discurso indireto livre como instrumento de contestação, indignação e reflexão. É através dessas três vozes narrativas principais que o leitor tem a oportunidade de entrar no Paraíso e desvendar-lhe os matizes mais recônditos

4. Entre os flagrantes explorados pelas vozes narrativas, destacamos

A selva como antagonista do homem na voz de Alberto. “A selva dominava tudo. Não era o segundo reino, era o primeiro em força e categoria, tudo abandonado a um plano secundário. E o homem, simples transeunte no flanco do enigma, via-se obrigado a entregar o seu destino àquele despotismo. O animal esfrangalhava-se no império vegetal e, para ter alguma voz na solidão reinante, forçoso se tornava vestir pele de fera. A árvore solitária, que borda melancolicamente campos e regatos na Europa, perdia ali a sua graça e romântica sugestão e, surgindo em brenha inquietante, impunha-se como um inimigo. Dir-se-ia que a selva tinha, como monstros fabulosos, mil olhos ameaçadores, que espiavam de todos os lados”²⁴.

Há inúmeras outras passagens que exemplificam esse sentimento de total enclausuramento na floresta, como este que se segue: “O resto era a selva, com a sua vida sombria, ali pertinho, muito pertinho, fechando-se num anel estrangulador”²⁵. Era a selva dominadora onde tudo perdia as proporções normais”²⁶. “À noite, o lago tornava-se difuso, etéreo e a sua cálida brisa dir-se-ia um bafo de morte, varrendo

24 CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa, Guimarães Editores Ltda. 37 ed. 1930. p. 84

25 Idem, p. 94

26 Ibidem, p. 62

os fantasmas que andavam a roubar constelações dos trópicos – joias fabulosas e trêmulas que ali se refletiam”²⁷. Ao poeta há sempre um mundo instaurado pleno de coisas positivas e negativas, carregado de angústia e sofrimento. São essas expressões negativas que lhe vão calcar a sua longa e intensa solidão como um reflexo isolado de pessimismo. Ferreira de Castro murou-se dentro dessa angústia para atingir a realização total do Eu. Sem a solidão, nos dois textos não seria possível a projeção de um mundo mental ausente de positividade e negatividade, também a realização do eu não seria possível.

E tal como a solidão dos homens, o som do apito do trem e do navio refletem o isolamento, é uma tentativa de comunicação. Este som pode-se dizer que seja um dos elementos transitório, prenunciador de vidas em mudança, é a própria tristeza dos autores, pois sem esses sons a tristeza seria total, eles formam toda uma realidade. É o chamamento da vida, é a chegada ou a partida de alguém. É a comemoração da existência. Numa irreversível dinâmica de determinismo do meio sobre o indivíduo, os homens, naquele espaço *sui generis*, acabavam animalizando-se.

Em Cardoso Pires temos uma ambientação que ele apresenta no primeiro capítulo: “Espalmada em córregos secos, numa terra de barrão e areão que encarquilha ao sol; rasgados os campos pela estrada longa de asfalto ou por baforadas ronceiras de comboio – assim, no despertar da charneca, fica Cercal Novo: um clarim, uma igreja abraçada ao quartel, meia dúzia de casas ao correr da estrada, e principalmente um silvo, um delicado traço de fumo a alastrar toda a planície”²⁸ [...] é um clarim pousado à margem da charneca. É um eco de passos rondando ao luar, uma penitência de cinturões e de botas cardadas; uma procissão, uma guerra entre muros”²⁹.

Essa ambientação nos remete a um passado de séculos remotos. É um traço isolado da modernidade. O leitor experimenta um sentimento de solidão pela imagem evocada, solitária, negativa e reveladora de um povoado distante que a modernidade transfigurou. Nele, está o processo dinâmico que é o tempo, o das vidas que naufragaram na existência, em que o silêncio é quebrado pelas vozes embriagadas, pelo silvo do trem que chega trazendo a infelicidade dos novos seres. Assim, pela representação temos dois ambientes que os autores trabalham: um quase selvagem (a selva) outro, uma cidade pacata dos tempos de antanho configurando-se como a cidade ideal, e o lamento que se articula em torno do processo de mudança no silvo do trem que chega e parte levando vidas em seus espaços, como o navio Justo Chermont, que também carregava vítimas para o sofrimento. A possibilidade de reconstituir a sociedade antiga é um sonho que se inscreve no tempo e que as

27 CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa, Guimarães Editores Ltda. 37 ed. 1930.p, 115

28 PIRES< José Cardoso. *O hóspede de Job*. Publicação Dom Quixote Ltda. Lisboa- Portugal 2001. p .9

29 Idem, p. 25

mudanças ocorridas no presente tornam impraticáveis. A leitura insinua a existência de acusações aos velhos escritores que defendem o direito de ter saudades do tempo que já viveram. Uma saudade confessada no texto que se torna literatura.

5. O balcão de negócios

N'A Selva tem no barracão o balcão onde os soldados fazem as contas do apanhado para as necessidades na selva, do que poderiam levar para comer. “Atravessada a porta, encontraram-se entre os que aguardavam despacho, aglomerados junto ao balcão. Atestavam as prateleiras do armazém os riscados e os brins, para a faina quotidiana; o H.J. inglês, para os que tinham saldo e gostavam de brilhar nas festanças dos caboclos; sapatos de verniz e botas de elásticos, quase escondidas sob os chapéus de palha, já amarelecidos de tanto esperarem pelo comprador; sabonetes e frascos de patchuli, que também havia quem não dispensasse de levar aos bailes um lenço perfumado. Mais acima, os castelos de conservas, o leite condensado, pílulas de quinino, elixires e boiões de unguentos, tudo coroado pelas garrafas de uísque, de conhaque e de vermute, que estavam ali só para vista, pois eram esvaziadas unicamente por Juca Tristão e seus amigos³⁰.

Aos pobres tinha: “na mesa envernizada de gordura, expunha-se o fardo do jabá, carne seca nas estâncias do sul que ia servindo, mesmo crua, para Bindá entreter a boca, enquanto pesava e media o requerido pelos fregueses. Sob o balcão alinhavam-se as caixas do arroz, do feijão e do café, enquanto ao fundo se vislumbrava, pela segunda arcada das prateleiras, a torneira de metal, que fornecia o petróleo, e a de madeira, que esguichava a cachaça apetecida, tudo pingando sobre funis e medidas luzidias³¹. Mas com os brabos, ignorantes do que era e não era indispensável, Juca Tristão procedia de maneira diferente. Ele próprio organizava a lista de aviamento; o boião para defumar, a bacia para o látex, o galão, o machadinho, as tigelinhas de folha, todos os utensílios que a extração da borracha exigia – e mais um quilo de pirarucu e uns litros de farinha, pois nos primeiros quinze dias nunca um “brabo” sabe como se caça a paca e a cotia ou se pesca o tambaqui. (p. 75).

Em Pires existe também o balcão de negócios do vendeiro, onde vão lá as pessoas vão tomar vinho, embriagar-se. “Estirado sobre um desses balcões, o cabo ferrador Três-Dezasseis assenta uma palmada no tampo de zinco” (p. 9). [...] “Nem mesmo esse militar em desespero de vinho que, a dois palmos dele roça a cara pelo balcão, estende as unhas, os cotovelos, e é um mostrengo diante de dois recrutas assustados” (p. 10).

³⁰ CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa, Guimarães Editores Ltda. 37 ed. 1930. p. 74

³¹ Idem, p. 74

Bachelar em sua obra *A poética do espaço* diz que “quando duas imagens singulares, obras de dois poetas diferentes vivenciam separadamente o seu devaneio, se encontram, parece que se reforçam mutuamente. Essa convergência de duas imagens excepcionais proporciona, de certa forma, uma confirmação para a pesquisa fenomenológica. A imagem perde a sua gratuidade, entra o livre jogo da imaginação (p. 73).

Sabe-se que a partir do realismo, a cidade substituirá a Natureza e, não só como pano de fundo, será ela quem determinará o comportamento dos personagens. Essa substituição é tão forte e significativa que chega até os nossos dias e, hoje, a cidade apresenta-se como tema e muitas vezes como personagem, quando não produz comportamentos que explicam a densa e complexa psicologia do personagem. Já em *A Selva*, temos a Natureza como impedidora do crescimento do caráter do homem, bestificando e vencendo-o numa luta entre cultura x vida selvagem. O processo de representação literária é o mesmo, até porque a literatura não se modifica, apenas se adapta nas suas expressões. É isso que se presentifica nos dois textos.

6. A casa, a morada dos homens

“A barraca ia tomar piso a meio metro acima da terra e nesse espaço só se viam as estacas que a suportavam. Paredes e soalhos eram de paxiúba – tronco de palmeira que dente de machado, ora resvala, ora acerta, tinha partido em tantas ripas quantas aconselhava a grossura do caule. [...] A barraca tinha duas divisões: uma, onde Alberto dormira, alardeava no chão, por baixo das redes uma esteira e, ao canto, um baú. A segunda, de mais estreiteza, era a sala de estágio e recepções; outra esteira, dois caixotes vazios, para assento, e, dependurados os rifles. Dava ainda para uma alpendrada, aberta de todos os lados e onde velha lata de petróleo, cortada numa das faces e com um buraco na parte superior, servia de fogareiro à cafeteira, agora a ferver (p. 83).

Em Pires o espaço que mais aparece é o gabinete de Leandro, “um quarto e uma arrecadação, simplesmente. Era, no fundo, uma casa modesta como a de qualquer camponês da Vila, mas fria. Floripes já não se encontrava no gabinete do sargento. Tinham-na levado para o quarto ao lado, que servia de dormitório dos guardas, e ela sozinha, diante de três camas, três cobertores de tropa, três capotes pendurados à cabeceira, estremeceu [... depois espreitou para uma mesa de pinho que estava junto à parede: livros de estudo, caneta, papel, um tabuleiro de damas, tudo muito arrumado, como é próprio dos militares de ofício que preenchem o tempo amarrados a uma secretária” (p.52).

Os ambientes são elaborados para aparentar naturalidade ao meio em que estão localizadas as personagens. Em *A Selva* temos uma barraca improvisada como é improvisada a vida desses seres que se refugiam dentro delas. Já em Pires os espaços são mais organizados, pois temos como referência os militares, homens organizados no ofício, um mundo bem classificado de conhecimentos positivos. Neste tudo permanece sólido, como se percebe nos móveis da casa, o bastante para conter um mundo bem classificado de conhecimentos positivos pela presença dos livros de estudo.

O narrador de *A Selva* é um admirador extasiado pela natureza como ele mesmo declara: “Daquela bárbara grandiosidade e da sua estranha beleza, uma só forte impressão ficava: a inicial, que nunca mais se esquecia e nunca mais também se voltava a sentir plenamente (p. 85). “A selva começava a falar no ouvido da noite” (p. 79). “Ali pertinho, meia dúzia de passos na floresta, o igapó surgia, quedo, miasmático e pavoroso. Era, primeiro, uma língua de água que se estendia por entre os troncos, deixando marcadas em alguns deles as suas subidas e envolvendo a outros os galhos rasteiros, até morrer na terra empada, onde jaziam uma pequena ubá” (p. 99).

Todo o texto configura-se como um contra espaço que, personificado, encara o homem como intruso, invasor, agressor, e, numa expressão de autodefesa ou vingança, faz de tudo para aniquilá-lo, estrangulá-lo. “Dir-se-ia que a selva, como uma fera aguardava há muitos milhares de anos a chegada de maravilhosa e incognoscível presa” (p. 77). O autor, no Pórtico, promete realizar uma vingança em nome dos “anônimos desbravadores”, “gente sem crônica definitiva, que à extração da borracha entregava a sua fome, a sua liberdade e a sua existência”. Um livro como vingança. A promessa foi cumprida.

Nos dois autores pode ser verificado as muitas semelhanças em seus escritos de personagens, de ambiente, de narradores, de vícios humanos, de desassossego na vida, de desconforto diante das arbitrariedades trabalhistas, meio social, enfim, romance que fala de vidas naufragadas nos espaços alagados da Amazônia ou áridos nos arredores de Portugal, (Cercal Novo).

Se o Neorrealismo, como vimos, é um movimento internacional, que percorreu, às vezes com nomes diferentes, várias literaturas ocidentais, sua introdução em Portugal ganhou maior relevo social e cultural devido à ditadura salazarista e sua equívoca neutralidade durante a II Guerra Mundial. De fato, o Neorrealismo português começa em 1940, quando o grande conflito já se iniciara. Por outro lado, Portugal era um país quase exclusivamente agrário, muito atrasado em termos socioeconômicos, com uma indústria incipiente e sem um movimento operário expressivo. A conjugação desses dois fatores dá ao Neorrealismo português uma

fisionomia muito própria. Já na Amazônia ocorria a queda da economia extrativista como se pode perceber em Ferreira de Castro. Há uma absoluta predominância do contexto agrário e extrativista sobre o urbano, a ponto de nos primórdios do movimento se falar equivocadamente em regionalismo. Ainda em função do secular atraso econômico e social do país, surge o problema da verossimilhança na construção de personagens conscientes e engajados politicamente, uma vez que, ao contrário do que ocorria em outros países, os trabalhadores portugueses, cearenses e maranhenses na Amazônia, em sua quase totalidade permaneciam alheios às formas de organização e às lutas da classe operária.

REFERÊNCIAS

BACHELAR, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Paula Danesi. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno*. Ensaio da crítica literária e ideologia. São Paulo. Ed. 34 Ltda, 2003.

CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa, Guimarães Editores Ltda. 37, 1930.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*. Visões literárias do urbano. UFRGS, 2002.

PIRES, José Cardoso. *O hóspede de Job*. Publicação Dom Quixote Ltda. Lisboa- Portugal, 2001.

Recebido: 05/04/2024

Aceito: 07/04/2024

Publicado: 08/04/2024

